

# Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #21 (tomo 2) Jan. 2017



## CERÂMICAS QUATROCENTISTAS E QUINHENTISTAS

de Torres Vedras



Gestão e Valorização de Sítios  
e monumentos arqueológicos de Avis

D. Fernando II  
e a Arqueologia portuguesa

A Ermida de  
Nossa Senhora do Socorro  
(Alcácer do Sal)



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

EDITORIAL ...3 ▶

CRÓNICAS

A Viagem do Tempo: o viço, essa beleza instável que se projecta na paisagem patrimonial | Victor Mestre...6 ▶

O Destino dos Materiais Arqueológicos | José d'Encarnação...8 ▶



Arqueologia Urbana em Oeiras | Íris Dias...43 ▶

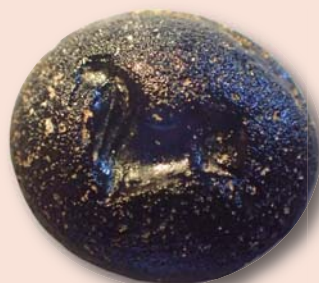
ESTUDOS

Cerâmicas Quatrocentistas e Quinhentistas do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras | Luísa Batalha, Guilherme Cardoso e Isabel Luna...11 ▶



HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

O Rei D. Fernando II e a Arqueologia Portuguesa: mecenato régio e associativismo patrimonial | Maria Teresa Caetano...54 ▶



Uma Peça Glíptica Proveniente do Sítio Arqueológico do Moinho do Castelinho (Amadora) | Graça Cravinho, Gisela Encarnação e Vanessa Dias...28 ▶

OPINIÃO

Da Gestão Pública à Co-Gestão: novos modelos de governança em áreas protegidas - uma visão desde a Arqueologia comunitária aplicada ao Parque Arqueológico / Museu do Côa | José Paulo Francisco...63 ▶

ARQUEOLOGIA

Plano de Gestão e Valorização de Sítios e Monumentos Arqueológicos: um contributo para a salvaguarda do Património megalítico de Avis | Ana Cristina Ribeiro...33 ▶



A Paz no Teatro Romano de Lisboa: um repertório clássico no palco mais antigo da cidade | Lídia Fernandes e Silvina Pereira...71 ▶

“Anatomia” de um Mito Medieval: a aldeia e a forma rádio-concêntrica | Bruno Ricardo Bairrão de Freitas...81 ▶



## PATRIMÓNIO



A Recriação de Estéticas Antigas e o Influxo da Arte Nova no Couro Lavrado de Finais do Século XIX - Inícios do Século XX | Franklin Pereira...92 ►

A Ermida de Nossa Senhora do Socorro, Alcácer do Sal: documentação referente à sua consagração em 1601, assim como outra relacionada com o espaço envolvente, desde a Comporta até ao Moinho da Ordem | António Rafael Carvalho...103 ►

O Uso da Taipa Militar nas Fortificações Muçulmanas do Actual Território Português | Marta Isabel Caetano Leitão...113 ►



## EVENTOS

Agenda...122, 131 e 135 ►

30.º Congresso dos *Fautores* Reuniu em Lisboa Especialistas Europeus no Estudo da Cerâmica Romana: breve crónica | Catarina Viegas...123 ►

IX Mesa-Redonda Internacional da Lusitânia: um balanço de 25 anos de investigação | José d'Encarnação...126 ►

Colóquio Internacional *Enclosing Worlds*: algumas notas | António Carlos Valera...129 ►

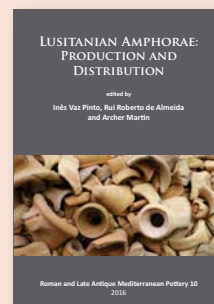
III Congresso Internacional Santuários, Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas | Mila Simões de Abreu, Luís Jorge Gonçalves, Cláudia Matos Pereira e Frederico Troletti...132 ►

Cronometrias para a História da Península Ibérica | António M. Monge Soares...133 ►

Arqueologia em Portugal: recuperar o passado em 2015 - evento de divulgação científica | Maria Catarina Coelho, Filipa Neto, João Marques e Pedro Barros...136 ►

## LIVROS

Lançamento do Livro *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution* | Inês Vaz Pinto, Rui Roberto de Almeida e Archer Martin...120 ►



IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular | Comissão Organizadora do IX EASP...137 ►

La Arqueología Peninsular en el Marco de las VI Jornadas de Investigación del Valle del Duero | Noelia Hernández Gutiérrez y Rodrigo Portero Hernández...139 ►

As III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo: um balanço final | Silvério Figueiredo e Rita Pimenta...142 ►

Carta Arqueológica do Distrito de Castelo Branco. Contributos para uma revisão cem anos depois: colóquio de homenagem a Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916) | João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida, Ana Cristina Martins, João Carlos Senna-Martinez e Ana Ávila de Melo...143 ►

Do Carmo a São Vicente: colóquio de homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014) | Mário Varela Gomes, Tânia Casimiro e Carlos Boavida...145 ►

# IX Mesa-Redonda Internacional da Lusitânia

## um balanço de 25 anos de investigação

José d'Encarnação

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Realizou-se, a 29 e 30 de Setembro de 2016, no Museo Arqueológico Nacional, em Madrid, a IX Mesa-Redonda Internacional da Lusitânia, “Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación”.

Ocorrerá a primeira mesa-redonda em Dezembro de 1988, no Centre Pierre Paris (Bordéus), por iniciativa de Jean-Gérard Gorges, tendo por tema as cidades da Lusitânia. E, desde então, falou-se do campo (Salamanca, 1993), economia e território (Madrid, 1997), sociedade e cultura (Mérida, 2000), comunicações (Cáceres, 2002), mito (Cascais, 2004), os primórdios (Toulouse, 2007), tema este que sugeriu a João Luís Vaz o da transição da Lusitânia para a Idade Média (Mangualde, 2013) <sup>1</sup>.

Ou seja, praticamente esgotados os campos de investigação, urgia fazer um balanço geral. O programa foi integralmente cumprido e a presença, na sessão inaugural, de D. Miguel Ángel Recio Crespo, Director General de Bellas Artes y Bienes Culturales y de Archivos y Bibliotecas del Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, pode significar penhor do futuro interesse com que, no país vizinho, esta temática é tida em consideração, como, aliás, ele próprio teve ocasião de sublinhar.

Evocou-se, na oportunidade, a memória do Doutor João Vaz († 2015-06-23) e apresentou-se o volume das actas da VIII mesa-redonda, que ele organizara.

O primeiro orador, Patrick Le Roux, gizou o panorama do contributo dos estudos epigráficos para a história da província: “*La relecture du dossier de l’inscription du pont d’Alcántara constitue ainsi l’un des apports majeurs du quart de siècle [...] L’épigraphie des bornages, la notion de capitale et le rôle des gouverneurs au IVe siècle, le nom officiel de la colonia Iulia Augusta Emerita, la critique des conclusions de la carte territoriale publiée en 1990, le règne de Tibère offrent des exemples du dynamisme croissant des recherches*”. E, após sublinhar que também a história militar pode ser revista, concluiu: “*Le bilan montre que la Lusitanie a encore beaucoup à dire y compris en matière d’histoire institutionnelle et politique à l’aune d’une compréhension plus rigoureuse de ce qu’était une province romaine. Le regard des empereurs eux-mêmes manque d’enquêtes mieux ciblées et c’est sous l’angle de son histoire propre et de sa diversité profonde que la provincia Lusitania et ses populations doivent gagner encore en épaisseur historique et devenir l’étude d’une province des cinquante peuples qu’elle était, dépourvue d’unité « nationale » au sens moderne, à l’abri des comparaisons, plus ou moins superficielles, avec les autres provinces particulièrement Ibériques*”.

<sup>1</sup> Pode ver-se uma panorâmica do que foram, até 2002, as mesas-redondas da Lusitânia em ENCARNACIÓN, J. d’ (2004) – “Sobrevoando a Lusitânia”. In GORGES, Jean-Gérard; CERRILLO, Enrique e NOGALES BASARRATE, Trinidad (eds.). *V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: Las Comunicaciones*. Madrid, 539-547.

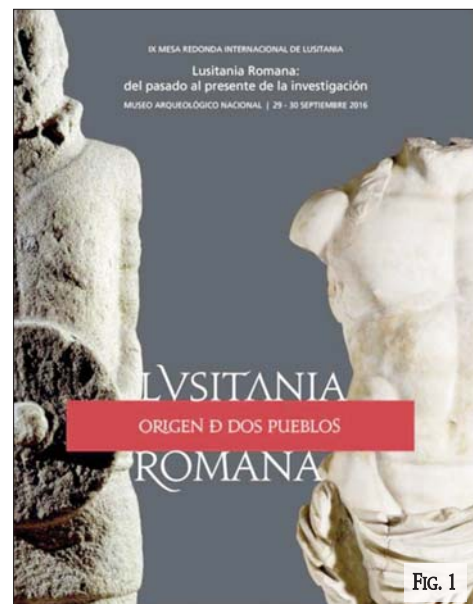


FIG. 1

De seguida, tive eu próprio ensejo de salientar o que de novo se conhecera no âmbito dos estudos da religião, não sem evocar primeiro a memória de José María Blázquez Martínez, recentemente falecido, o grande estudioso das divindades indígenas. Procurei mostrar como, em relação às divindades “clássicas”, continuávamos a atribuir-lhes um cunho urbano, salvo Júpiter Ótimo Máximo, em cujo culto os indígenas simbolicamente manifestavam o seu apego ao novo poder; o culto às divindades “orientais”, de cunho místico, prendia-se também com intenções de classe desenvolvidas em ambiente urbano; as divindades indígenas, por seu turno, vincavam a vontade de manter uma singularidade própria naquilo que há de mais íntimo à pessoa em particular e em grupo, como as recentes descobertas de Arronches, Alcains e Visu deram claramente a entender <sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Sobre estas descobertas, consultar os textos inseridos, respectivamente, em: <http://hdl.handle.net/10316/10754>; <http://hdl.handle.net/10316/14377> e <http://hdl.handle.net/10316/29003> (aqui, nas pp. 25-26).

FIG. 2 – Mesa da sessão inaugural dos trabalhos.



Foto: Ángel, Martínez Levas, Museo Arqueológico Nacional (Madrid).

“Nueva Versión del *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*” foi o tema abordado por Milagros Navarro Caballero e Jonathan Edmondson. Edmondson falou dos estudos onomásticos e, também, dos reflexos que na onomástica se observam no que concerne à transformação política, social e cultural. Milagros Navarro, por seu turno, deu a conhecer, em primeira-mão, o projecto “ADOPIA - Lusitania”, versão digital e dinâmica que visa ampliar e melhorar o clássico *Atlas Antroponímico de la Lusitania romana* (Mérida / Bordeaux, 2003).

Coube a José Luis Ramírez Sádaba mostrar o contributo dos monumentos epigráficos para o conhecimento de *Augusta Emerita* “desde su fundación hasta la conquista por los Árabes”: a colónia, o seu *ager*, as comunicações, os edifícios públicos, os monumentos funerários e os mais diversos aspectos da sociedade emeritense. Mérida cristã e visigótica não foi esquecida, assim como a epigrafia do *ager Emeritensium*. Ramírez Sádaba anunciou para breve a edição da *Nueva Epigrafía Funeraria de Augusta Emerita* (200 inscrições inéditas), e, no quadro do novo *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL II), está prevista para 2017 a edição do fascículo *Emerita: Tituli Sepulcrales Urbanos*.

Manuel Salinas de Frias deu conta do projecto “Prosopografía da Lusitania Romana (PROLUR)”, mostrando o que já lograra saber acerca das *flaminicae* locais e provinciais e das mulheres notáveis. Maurício Pastor Muñoz fixou-se nos *munera gladiatoria*. “*Los munera y las venationes se extendieron y difundieron ampliamente por los anfiteatros de las civitates de Lusitania*”, até ao século IV, financiados sobretudo pela benemerência de particulares, uma vez que “*la curia municipal solo se encargaba de la organización de juegos y del mantenimiento de los edificios*”. Mas, concluiu, “*cada día aparecen nuevos documentos, arqueológicos o epigráficos, que permiten seguir avanzando*”.

Amílcar Guerra fez o ponto da situação acerca dos estudos dos nomes de *populi* e de lugares; e chamou a atenção para os problemas que as abordagens linguísticas destes vocábulos colocam, nomeadamente de natureza histórico-geográfica. Virgílio Hipólito Correia e José da Silva Ruivo referiram-se ao que tem sido a investigação em *Conimbriga*, mormente após as campanhas desenvolvidas pela equipa luso-francesa: a caracterização das ocupações tardias da cidade e a determinação do modo e cronologia do seu abandono; a arquitectura doméstica; a caracterização físico-química e arqueométrica dos materiais; a arquitectura pública...

André Carneiro, considerando a *villa* “*como proyecto de poder*”, propôs que importa rever o conceito de *villa*, vendo-a não só como uma estrutura arquitectónica, mas como um cenário de poder pessoal e de actividades culturais.

Maria José de Almeida adiantou os principais resultados da sua tese de doutoramento sobre a via entre *Augusta Emerita* e *Olisipo* por *Ebora*. Analisou a navegabilidade do Guadiana e apresentou a rede viária como alternativa de acesso ao mar ou, mais precisamente, ao comércio atlântico. Procurou localizar *Dipo* e, seguindo as informações constantes no *Itinerário de Antonino*, propôs um traçado para a via XII.

Após a visita guiada à exposição “Lusitânia Romana. Origem de dois povos” (Fig. 3), coube a João Pedro Bernardes trazer luz sobre os grandes avanços e as novas perspectivas da investigação no Algarve (Fig. 4). Maior número de sítios identificados (de 240 para 570), acréscimo devido à existência de mais arqueólogos municipais (de quatro em 1995 para 23 hoje). Exposições, encontros científicos e publicações muito contribuíram para mitigar os nefastos efeitos de arqueologia de contrato. Houve também passos significativos no campo da arqueologia subaquática e no conhecimento do interior.

Javier Andreu Pintado e María Jesús Peréx Agorreta evocaram a memória de Helena Frade, que integrava a equipa *Vbi Aquae ibi Salus*, e explicitaram o objectivo deste programa sobre o termalismo antigo curativo: desenvolver um *corpus* de evidências que reúna a informação sobre o culto às águas, as termas mineromédicas e águas com propriedades curativas ou sacralizadas na Antiguidade Peninsular, a ser publicado em 2017.



FIG. 3

Privilegiaram na sua intervenção os dados fornecidos pelas fontes epigráficas.

O programa *LiDAR - Tecnologías Digitales de Análisis del Paisaje* está a permitir, segundo Enrique Cerrillo Martín de Cáceres e Alicia Prada Gallardo, “*nuevas aportaciones al paisaje de la Via de la Plata*”. Realizaram-se “*excavaciones de tramos enlosados y diversidad constructiva; propuestas de trazados más ajustados a la realidad; aporte de nuevos miliarios y trabajos sobre los puentes asociados a los caminos*”. E com a “*aplicación de nuevas tecnologías digitales para el seguimiento de las vías a través de LiDAR*”, lograr-se-á chegar a identificar trechos da via, “*que apenas dejan trazas a una prospección sobre el terreno, pero reconocibles por este medio*”. Alicia Ma<sup>a</sup> Canto de Gregorio falou da “*Colonia Iulia Augusta Emerita: su posible fundación cesariana, 30 años después*”, comunicação que dedicou à memória de D. José Álvarez Sáenz de Buruaga e do Prof. Blázquez Martínez. Acrescentou dez novos argumentos para demonstrar que Mérida já existia como município romano antes de Augusto: citam-se, disse, “*14 fundaciones de César con epíteto Iulia, todas ellas alrededor de Mérida*”; há “*inscripciones de legionarios emeritenses en la tribu Papiria antes del 25 a.C.*”, tribo que é “*más propia de César*”; do ponto de vista urbanístico,



FIG. 4

FOTOS: Ángel Martínez Levas, Museo Arqueológico Nacional (Madrid).



FIG. 5 – Instantâneo de um dos debates.

Foto: Ángel, Martínez Levas, Museo Arqueológico Nacional (Madrid).

“la falta de simetría entre los foros, de la ciudad con el puente, o la extraña apoyatura del anfiteatro en la muralla” são aspectos dificilmente conciliáveis com uma “planificación ex novo”, perorou. Apesar do título proposto, “Minería del oro y explotación del territorio en Lusitania”, Fco. Javier Sánchez-Palencia e Brais X. Currás centraram a sua atenção apenas nas “zonas auríferas lusitanas de la cuenca del Tajo y las situadas inmediatamente al norte, en aquellos yacimientos en los que el oro es prácticamente el único metal explotado”. Até agora (frisaram), a maior parte dos estudos limitou-se à “enumeración de las labores auríferas o de una mención genérica a la relevancia del oro en una determinada región”. A falta de análises sistemáticas, feitas com base “en estudios integrales del territorio”, ainda não permitiu conhecer “la auténtica dimensión del afamado oro del río Tajo”, que, afinal, muito deve ter influenciado “la transformación de la organización social y territorial de las comunidades locales”.

“Gracias al uso de la fotointerpretación de la fotografía aérea histórica y de imágenes LiDAR”, foilhes possível identificar “claras evidencias arqueológicas de una primera fase de ocupación y explotación del territorio”, concluindo que, “a través de ella puede apreciarse cómo el ejército desempeñó una especial labor técnica y de organización para la puesta en valor de los recursos, los auríferos incluidos”. José Manuel Iglésias Gil sintetizou o que tem sido a problemática relacionada com *Norba* e os *Norbani*. É o antropónimo *Norbanus* um gentílico ou são todos os *Norbani* naturais de *Norba*? Implantada onde hoje está Cáceres – cujo nome deriva precisamente dessa *Colonia Norba Caesarina*, fundada em 34 a.C. por Gaio Norbano Flaco –, ter-se-ão chamado *Norbani* todos os seus naturais?

Coube a José María Álvarez Martínez recordar o que tem sido a investigação sobre os mosaicos da Lusitânia, investigação a que não foram alheios os congressos da Association Internationale pour

l’Étude de la Mosaïque Antique (AIEMA) (de *Conimbriga* e de Mérida). Destacou “el esfuerzo considerable que se ha realizado en la parte portuguesa con la edición de los corpora de la «Casa dos Repuxos» [da autoria do saudoso Dr. Bairrão Oleiro], *Torre de Palma y Algarve y los avances de la parte española con incidencia en el caso de Mérida*”.

Trinidad Nogales Basarrate mostrou os progressos realizados no estudo da escultura romana desde a primeira obra de referência, de Vasco de Souza (Coimbra, 1989), pensada para integrar o *Corpus Signorum Imperii Romani*, até ao livro de Luís J. R. Gonçalves, *Escultura Romana em Portugal: uma Arte do Quotidiano* (2007). Apuraram-se hoje os estudos, não apenas no que respeita a tiques denunciadores de oficinas ou a temáticas específicas, mas também ao material utilizado.

As manifestações escultóricas tardo-antigas e alto-medievais foram referidas por María Cruz Villalón. “La escultura denominada visigoda tiene una gran riqueza en la Lusitania, donde los talleres de Mérida y Beja y la gran cantidad de piezas dispersas por el territorio permiten el planteamiento de cuestiones de interés”, disse. Referiu-se à utilização do mármore e mostrou como, através da “análisis de determinadas formas e imágenes”, é possível atribuir cronologias mais exactas a peças descontextualizadas.

Na comunicação intitulada “Identificación Arqueométrica del Mármol de Estremoz en los Sarcófagos Cristianos de la Antigüedad Tardía Hispánica”, Sergio Vidal Álvarez confirmou o uso desse mármore “en la elaboración de sarcófagos [...] de la Antigüedad tardía”. Os processos utilizados foram: a petrografia (microscopia óptica de luz polarizada [MOP]), a catodoluminiscência [Cl] e a Espectrometria de Massas de Relações Isotópicas [IRMS].

Miguel Alba Calzado e Isaac Sastre de Diego falaram dos progressos da investigação sobre a “Arqueología tardoantigua” na Extremadura.

Realçaram a importância que teve a descoberta de novos sítios (Santa Lucía del Trampal em Alcuescar, Morería e Santa Eulália em Mérida), enquanto se procedeu ao reexame doutros já conhecidos, como La Cocosca, em Badajoz, e El Gattillo, em Cáceres. Advertiram para a concentração de jazidas junto da “Vía de La Plata” poder dever-se ao facto de aí se verificar maior actividade urbanística na época contemporânea e não corresponder a maior densidade de povoamento durante a Antiguidade Tardia. E o papel de Mérida como capital e centro de irradiação cultural não pode ser menosprezado.

### Em conclusão

A mesa-redonda permitiu mostrar, através de análises sectoriais, como a investigação realizada durante este quarto de século deu a conhecer a província nos seus mais variados aspectos. E demonstrou, por outro lado, que, na verdade, pode considerar-se uma província em que praticamente todas as questões de ordem histórico-científica têm sido abordadas. Dir-se-á que faltaram aqui, por exemplo, as sínteses acerca da circulação monetária ou, ainda, sobre aspectos económicos a que a equipa francesa se dedicou (as ânforas, a produção vinícola, o comércio)<sup>3</sup>; também gostaríamos de ter sabido em que ponto estamos no conhecimento sobre a relação entre o poder local e o imperial. Creio, porém, que esses são aspectos sobre os quais já se publicaram sínteses que paulatinamente vão agora suscitar novas análises encarradas de prisma inovador. Não surpreenderá afirmarmos que verbas significativas para trabalhos arqueológicos dificilmente serão consignadas nos próximos dois-três anos nos orçamentos dos Estados; mas estamos em crer que nova geração de governantes abrirá os olhos, porá as mãos na consciência e começará a ler doutra forma os números do deve e do haver, no que concerne à Cultura, encarando-a como fator económico de enorme sucesso. ❧

<sup>3</sup> Citem-se, a título de exemplo, os livros assinados por ÉTIENNE (Robert) e MAYET (François), publicados por De Boccard, Paris: *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)* [1994, com MAKAROUN (Yasmine)]; *Le Vin Hispanique* [2000]; *L’Huile Hispanique* [2004], *Les Salaisons et Sauces de Poisson Hispaniques* [2002].